

Restauração do Refeitório Central. ***A work in progress.***

Renato da Gama-Rosa Costa

Doutorando em Urbanismo. PROURB/FAU/UFRJ.

Fundação Oswaldo Cruz

rgrc@coc.fiocruz.br

Alexandre de Souza Pessoa

Mestrando em Urbanismo. PROURB/FAU/UFRJ.

Fundação Oswaldo Cruz

apessoa@coc.fiocruz.br

Cristina Ribeiro

Arquiteta e Urbanista. USU.

Fundação Oswaldo Cruz

cristinaribeiro@fiocruz.br

As obras de recuperação dos edifícios construídos de 1947 a 1953 no *campus* da Fundação Oswaldo Cruz em Manguinhos, e que hoje compõem parte do acervo modernista desta instituição, foram iniciadas em meados da década de 1990. Entretanto, estas primeiras obras ocorreram em função de uma demanda de serviços que não contemplavam sua restauração estilística, o que motivou o pedido de tombamento, como forma de salvaguarda e proteção patrimonial. Em novembro de 2004 foi iniciada a obra de reforma mais completa do Refeitório Central, um dos edifícios contemplados pelo tombamento, a cargo da Diretoria de Administração de Obras (DIRAC) com supervisão do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). Este projeto que ora se realiza, com previsão de término ainda para 2005, ou mesmo para os primeiros meses de 2006, representa uma primeira etapa de um projeto global que pretende devolver ao edifício sua unidade estética original. O que objetivamos com este trabalho é mostrar o final da primeira etapa de execução dos serviços de restauração deste pavilhão, projetado por Jorge Ferreira, da equipe de arquitetos da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde.

The repairs of the buildings constructed from 1947 to 1953 in the *Campus* of the *Fundação Oswaldo Cruz* in *Manguinhos* neighborhood, in Rio de Janeiro, which are part of the modernist monuments of that institution, started in the middle nineties. However, those first repairs took place following a service order that did not observe their stylistic restoration. This fact led to a request to consider those buildings as listed ones, as a way of shielding and protecting the patrimony. On November 2004 a broader repair of the Main Restaurant (*Refeitório Central*), which was considered as one of the listed buildings, in charge of the *Diretoria de Administração de do Campus (DIRAC)*, the Administrative Boarding, was initiated under the supervision of the *Departamento do Patrimônio Histórico (DPH)* the Historical Heritage Department. This project, now under development, with the conclusion

foreseen in this very year of 2005 or on the first months of 2006, stands for the first stage of a global project which intends to bring the building back to its original aesthetic unity. With this present work, we are aiming to show the results of the first stage of this pavilion repairs, designed by Jorge Ferreira, from the staff of architects of the *Divisão de Obras do Ministério de Educação e Saúde* (Architectural and Engeneering Division of the Education and Health Ministry)

Palavras-chave: preservação patrimonial; arquitetura moderna; Rio de Janeiro.

Introdução

As obras de recuperação dos edifícios construídos de 1947 a 1953 no *campus* da Fundação Oswaldo Cruz em Manguinhos, e que hoje compõem parte do acervo modernista desta instituição, foram iniciadas em meados da década de 1990. Entretanto, estas primeiras obras ocorreram em função de uma demanda de serviços que não contemplavam sua restauração estilística, o que motivou o pedido de tombamento, como forma de salvaguarda e proteção patrimonial.



(Figura 1) Vista aérea em 1966 das edificações modernistas construídas pela DO/MES entre 1947 e 1953. Ao fundo, em contraste, o Pavilhão Mourisco. À esquerda, o Pavilhão de Cursos, ao centro o Pavilhão Carlos Chagas e à direita o Refeitório Central. Se vê ainda, no alto ao centro, parcialmente encoberto pela vegetação, o Laboratório de Febre Amarela, construído em 1955.

O *campus* de Manguinhos, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, possui um conjunto arquitetônico do período eclético, composto de sete edifícios construídos entre 1904 e 1919, sob a proteção do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), desde 1981. A preservação de edifícios do período modernista, o Pavilhão do Refeitório Central e o de Cursos, ambos da produção de Jorge Ferreira, encontra-se sob a tutela do Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC), desde 1998/2001.

A inclusão dos pavilhões de Ferreira, mais a Portaria da Av. Brasil e o Pavilhão da Febre Amarela no guia de arquitetura moderna lançado pela Prefeitura do Rio em 2000, confirmou a importância de nossas ações de preservação, como já tivemos a oportunidade de ressaltar (Costa, 2001).

A política de preservação adotada pelo DPH da Casa de Oswaldo Cruz, unidade que preserva a memória da instituição e da saúde pública no Brasil, trabalha nas duas instâncias: federal, para os edifícios ecléticos, construídos até 1922 e estadual, para os construídos entre 1937 e 1977.

Estas datas obviamente não são aleatórias e refletem a história da formação e ocupação do *campus* e da produção arquitetônica da instituição, que, este ano, completa 105 anos de existência. O período que vai de 1904 a 1922 corresponde à produção do engenheiro-arquiteto português, Luiz Moares Jr, que trabalhava diretamente para o então Instituto Oswaldo Cruz. O período marcado pelos anos 1937 e 1977 reflete a atuação da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde (até 1953) e do Ministério da Saúde (depois de 1953). Se o primeiro período revela uma relação mais próxima a do arquiteto-cliente, com Moraes trabalhando diretamente com os cientistas, sobretudo Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, o segundo já estaria mais próximo a uma relação arquiteto-instituição pública.

A Divisão de Obras do Ministério de Educação e Saúde e a produção modernista nas instituições públicas

A Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde (DO/MES) foi criada pelos decretos nº 24.438, de 21 de junho de 1934 e pelo de nº 24.814, de 14 de julho do mesmo ano, como Superintendência de Obras e Transportes, subordinada à Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública. Os serviços da Superintendência eram divididos em três seções. A de Arquitetura e Construção tinha como competência, entre outras funções, elaborar os programas arquitetônicos, os projetos, organizar as especificações e os orçamentos, executar e fiscalizar as obras, desenhar todo o detalhamento arquitetônico, além de executar serviços de reparos e de manutenção e de caráter emergencial, de todas as instituições subordinadas à estrutura administrativa do ministério (Oliveira, 2003).

A DO/MES atendia instituições e instalações (para citar apenas as com sede na Capital Federal) como o Instituto Benjamin Constant; o Instituto Nacional de Surdos e Mudos; o Museu de Belas Artes; o Museu Histórico Nacional; a Biblioteca Nacional; a própria sede do Ministério, o Palácio Gustavo Capanema; o Colégio Pedro II, etc. A divisão também participava das campanhas de saúde pública. Neste sentido, a partir de 1941 passou a construir para os serviços nacionais, como o de Tuberculose, o de Lepra, de Doenças Mentais, de Febre Amarela, da Educação Sanitária, etc.

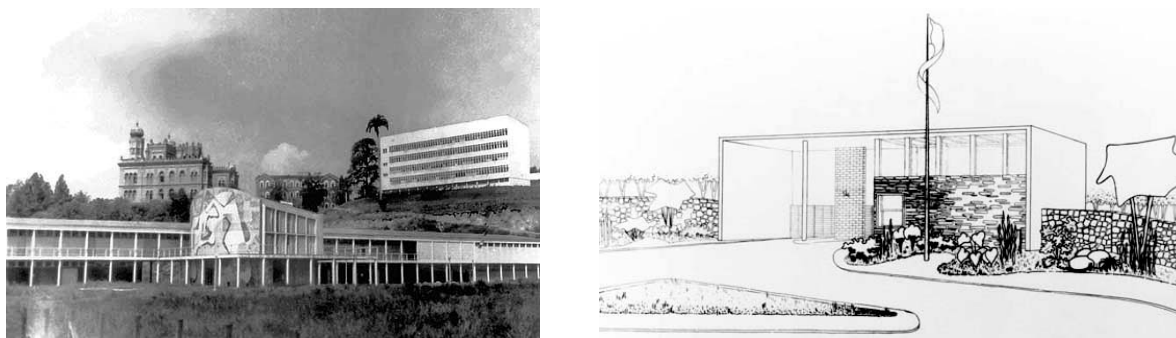
Uma pesquisa em andamento revela a produção vasta desta equipe, que atendia diversos tipos de programa em saúde e educação, para todo o Brasil e que contava com profissionais na sua grande maioria formados pela Escola Nacional de Belas Artes, depois da reforma empreendida por Lúcio Costa. Entre estes profissionais destacam-se Jorge Ferreira, Carlos Frederico Ferreira, Antonio Dias Carneiro, Olenka Freire Greve, Floroaldo Albano, Waldir Ramos, Armando Mesquita, Nabor Foster, Audomaro Costa, entre outros, cuja produção também está sendo levantada.

A análise centrada na produção de Jorge Ferreira, já foi fruto de dois trabalhos apresentados nas edições anteriores do DOCOMOMO (2001 e 2003). O que objetivamos com este trabalho é mostrar a etapa final dos serviços de restauração do Refeitório Central, construído para o Instituto de Manguinhos entre 1948 e 1953.

Obras de recuperação: uma primeira etapa

A reforma do Pavilhão de Cursos, com supervisão do próprio arquiteto, foi realizada em 1995 e 1996. Essas obras, que acarretaram pequenas alterações no projeto original, como fechamento de vãos, retirada de *brises-soleils*, aumento de área construída interna, alertaram para seu tombamento. A partir da inclusão dos dois edifícios de Jorge Ferreira no livro de tombamento estadual, as reformas passaram a ser mais criteriosas.

A Portaria da Av. Brasil, projetada por Nabor Foster, entre 1954 e 1955, apesar de não estar protegida individualmente, figura na área de preservação ambiental sob tutela do IPHAN e por conta dessa particularidade, seu projeto de reforma recebeu atenções especiais e acompanhamento mais cuidadoso por parte do DPH, junto à Diretoria de Administração do Campus (DIRAC), responsável pelo projeto. Mesmo alterando a espacialidade interna original, a reforma preservou sua volumetria e estética exterior, inclusive na conservação dos revestimentos.



(Figura 2) Pavilhão de Cursos e Portaria da Avenida Brasil.

No ano de 2004 foram realizados os serviços de restauração dos painéis de azulejos presentes nos edifícios projetados por Ferreira, um de autoria de Roberto Burle Marx (para o Pavilhão de Cursos) e outro de Paulo Rossi Osir (para o Pavilhão do Refeitório Central). Ambos foram executados entre 1951 e 1953, pela firma de Rossi, a Osirarte.

E em novembro de 2004 foi iniciada a obra de reforma mais completa, a cargo da DIRAC com supervisão do DPH. Este projeto que ora se realiza, com previsão de término ainda para 2005, ou mesmo para os primeiros meses de 2006, representa uma primeira etapa de

um projeto global que pretende devolver ao edifício sua unidade estética original, prejudicada por intervenções sem critério realizadas, sobretudo, a partir de 1977, principalmente após a extinção da DO/MES e da aposentadoria de seus profissionais.

As obras do Refeitório Central se iniciaram em novembro de 2004, com término previsto para outubro de 2005, e inicialmente se concentraram em preparar o prédio para a intervenção projetada.

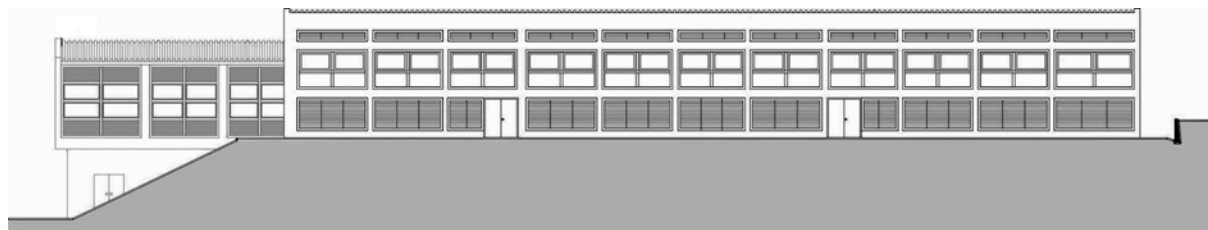


(Figura 3) Vista dos painéis modernistas. À esquerda o criado e executado por Paulo Osir Rossi para o Pavilhão de Cursos. À direita o de Burle Marx, também executado por Rossi, no Pavilhão de Cursos. Ambos foram recentemente restaurados pela equipe do DPH.

O processo licitatório, (previsto e normatizado através da Lei 8.666 de 21 de Junho de 1993, obrigatório a qualquer obra pública) foi difícil, pois a especificidade da obra tornava a seleção das empreiteiras mais criteriosa. A maioria delas não estava preparada para a fase de restauro propriamente dita. Um dos critérios para a definição da empresa é a modalidade menor preço em relação ao orçamento inicial, o que geralmente é determinante. No final do processo a empresa vencedora aplicou um desconto de quase Um Milhão de Reais no valor global da obra, que acabou ficando em torno de Quatro Milhões. Tal valor não contempla somente as obras de restauro das fachadas, nele estão englobados todos os valores referentes a total remodelação interna do prédio, a reforma e adaptação da cozinha e seu equipamento pesado, a urbanização do seu entorno imediato, além da construção de um novo castelo d'água.

Um dos primeiros eventos foi justamente a demolição do antigo castelo e sua escada de acesso, que ficavam concentradas em um anexo construído na metade dos anos 1980. Este anexo prejudicava a percepção do conjunto da edificação, pois seccionava a fachada posterior em duas partes. Além da demolição do castelo foi feita a retificação do greide da rua que passa junto a esta fachada, tornando-a carroçável até o jardim interno do prédio, culminando em um *cul-de-sac*. Com tal intervenção abriu-se caminho para a restauração total da facha-

da posterior, que teve de ser adaptada em dois pontos, onde foram criados acessos externos onde só haviam janelas do tipo venezianas. Os vãos foram recompostos, inclusive com seu respiro superior, e as venezianas voltarão a ocupar seu lugar original. Com isso, a fachada do bloco que se destinava ao refeitório dos funcionários “subalternos” voltará ao seu aspecto original. Infelizmente o interior do salão não recuperará o seu pé-direito duplo, pois a crise de espaços na instituição nos obrigou a manter a laje que o dividiu em dois pavimentos, abrigando as clínicas do Núcleo de Saúde do Trabalhador (NUST) e salas de curso.



(Figura 4) Acima, a vista do projeto de restauração da fachada original do Refeitório Central. Abaixo a fachada em dois momentos, na mesma visada. No primeiro com o castelo d'água/escada que comprometia o conjunto, e o segundo já com as obras em andamento, após a demolição do castelo.

O salão do restaurante dos funcionários “graduados”, originalmente previsto para 300 lugares (Mindlin, 1956:230), teve de ser dividido em dois. A ala leste e é agora separada da oeste por uma cortina de vidro temperado 10mm correndo em trilhos no teto. Com isso, garante-se a versatilidade do salão, podendo funcionar o restaurante com menor capacidade de atendimento e a ala leste podendo trabalhar, independentemente, como *espaço-curinga*, abrigando festividades, coquetéis e até exposições além de, obviamente, poder dobrar a capacidade do salão do restaurante quando necessário. Todo o piso do salão foi trocado usando-se agora *corodur*, um material da época, em um tom claro, recuperando-se o aspecto original. Somente os elementos novos, como os anteparos das máquinas de ar condicionado no fim de cada salão, ganharam cores e texturas contemporâneas.

Toda a varanda que serve de acesso ao salão de refeições teve o piso trocado e recebeu a instalação de nova impermeabilização. Esta intervenção teve um complicador à execução da obra que foi a recuperação do desenho original do guarda-corpo. O projeto original exigia um pilar muito esbelto, de 0,5 x 12cm, que entrou em conflito com a instalação da manta asfáltica, que precisava de uma seção maior para que se conseguisse fazer a dobra. Após algum impasse se decidiu executar o projeto original em alumínio anodizado, instalado em montantes de ferro galvanizado, que por sua vez são chumbados à laje, ganhando assim em tempo, já que o mesmo será fabricado fora do canteiro e instalado diretamente. A fixação com o ferro galvanizado chumbados à laje nos dá a possibilidade de executar a manta impermeabilizante sem a dobra. O mesmo projeto em concreto armado, como previsto inicialmente, teria o inconveniente de ter que ser fabricado *in loco*, o que exigiria mão de obra mais especializada e atrasaria o cronograma.



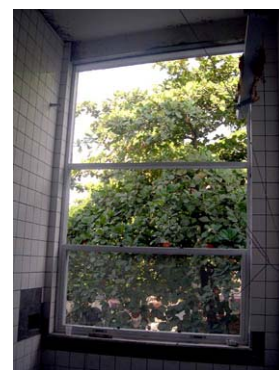
(Figura 5) O interior do salão de refeições do Refeitório Central em dois momentos, em uso, na década de 1950, e durante as obras de restauro em 2005.

O belo painel cerâmico concebido e executado por Paulo Osir Rossi, ceramista responsável pela execução dos painéis, entre outros, do célebre prédio do MEC (Mindlin, 1956:218) e do painel desenhado por Burle-Marx para o Pavilhão de Cursos, já havia sido restaurado pela equipe do DPH, (que poderá ser contemplado em um trabalho específico também enviado a este seminário) e teve de ser protegido com duas camadas de plástico bolha apoiados em uma placa de madeira escorada no piso da varanda para preservá-lo. No lado de dentro foi feita uma “parede técnica” de alvenaria dupla nos banheiros, para evitar que qualquer esforço interferisse no painel. Qualquer nova prumada ou tubulação passará por esta parede.



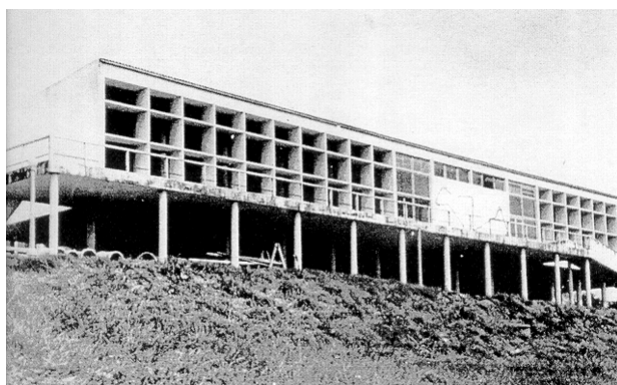
(Figura 6) O painel do Refeitório Central antes do restauro e atualmente, protegido da obra da fachada e do interior do restaurante por tapumes.

As esquadrias do salão de refeições estão sendo recuperadas uma a uma. Em primeiro lugar se queima a pintura antiga para removê-la completamente. Neste momento é feita uma inspeção em cada uma delas para se determinar qual deverá ser integralmente refeita. Então é feito o selamento final e posteriormente a repintura. Dentro da cozinha, o projeto busca recuperar as antigas janelas, que, no entanto, não se abriam. Precisamos adaptar o projeto, fazendo com que elas abrissem no sistema de guilhotina, permitindo assim maior e melhor ventilação na cozinha. No entanto, o grande tamanho dos panos das esquadrias impediu que elas funcionassem a contento, nos levando a modificar o projeto, instalando um sistema de contra-pesos, tornado-as mais facilmente utilizáveis.

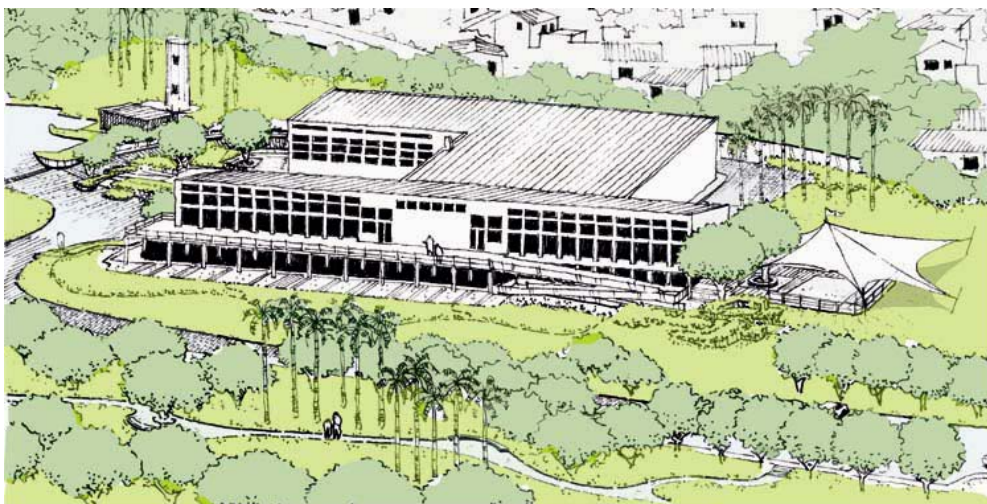


(Figura 7) Diversos aspectos do restauro e recomposição das esquadrias do prédio

O ponto negativo do trabalho até aqui é o adiamento, ainda sem previsão de sucesso, da remoção da ocupação do *pilotis* do Pavilhão. Por motivos políticos internos, não será possível recuperar neste momento o vão livre, mas após sensibilizarmos os dirigentes da associação de funcionários, que ocupa o local, tivemos a garantia que tão logo seja possível, será feita a remoção dos escritórios para um local apropriado, devolvendo o uso de *pilotis* ao edifício. A obra de restauro passará, portanto e por enquanto, ao largo desta ocupação. A única intervenção neste espaço será a pintura das alvenarias externas, em um tom escuro, destacando os pilares da massa ocupada.



(Figura 8) O *pilotis*, ainda descocupado durante a construção, na década de 1950.



(Figura 9) Perspectiva do projeto de urbanização e paisagismo do Refeitório Central

Um adendo ao projeto original diz respeito ao projeto de paisagismo e urbanização na área periférica ao prédio. Foi criado um espaço de convívio no térreo, na ala oeste, com pavimentação e coberto através de uma lona tensionada. Foi também criado um sistema de circulação entre a área do *pilotis* e a via que termina em *cul-de-sac* na ala posterior do prédio.

Considerações finais

O trabalho desenvolvido nos edifícios modernistas da Fiocruz passa por uma etapa importante, no que concerne tanto o estágio atual de esforços desenvolvidos pela equipe de arquitetos da área de patrimônio e de engenharia da instituição, quanto na consolidação das ações preservacionistas de monumentos modernos no Rio de Janeiro. Temos consciência de que é um trabalho necessário, mas que raramente encontra apoio e recursos nas instituições públicas para estes fins, pois ainda lutam para manter o acervo arquitetônico de períodos anteriores. A oportunidade de se debater e divulgar essas ações em instâncias e fóruns de debates específicos, encontra nos seminários do DOCOMOMO seu *locus* ideal, sendo, na maioria das vezes, seu único fórum. Camisassa (2003), na última edição do DOCOMOMO, chamou a atenção para a atuação do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) da Fiocruz, como instituição de preservação, cujos esforços mantêm em seus quadros, técnicos e profissionais empenhados na conservação de seu patrimônio modernista. Para uma instância de preservação sob a administração do Ministério da Saúde, e não o da Cultura, por exemplo, esse comentário é muito significativo e estimula a continuidade de nossas ações.

Bibliografia

BRUANT, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: PINI: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro – RIOARTE, 1991.

CAMISASSA, Maria Marta. A Produção Intelectual Brasileira nos Seminários Nacionais do DOCOMOMO (1995-2001) e a Preservação dos Exemplos da Arquitetura Moderna Brasileira. In **Anais do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil**. São Carlos, 2003.

COSTA, Renato da Gama – Rosa; OLIVEIRA, Benedito Tadeu; PESSOA, Alexandre José de Souza. **Arquitetos de Manguinhos: resgate de uma história não registrada**. In: IV Encontro Regional Sudeste de História Oral, Rio de Janeiro, 2001.

COSTA, Renato da Gama – Rosa. **Arquitetura Moderna em Manguinhos: memória e preservação**. In: IV Seminário DOCOMOMO Brasil, Viçosa/Cataguases, 2001.

COSTA, Renato da Gama – Rosa et alii. A Restauração do Refeitório Central da Fundação Oswaldo Cruz. In **Anais do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil**. São Carlos, 2003.

CZAJKOWSKI, Jorge. **Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro/Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

HOCHMAN, Gilberto. A saúde pública em tempos de Capanema: continuidades e inovações. In: BOMENY, Helena. (Org.). **Constelação Capanema: intelectuais e políticas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 139 – 140.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1991.

OLIVEIRA, Benedito T (Coord.); COSTA, Renato G. R.; PESSOA, Alexandre José de Souza. **Um Lugar para a Ciência: a formação do campus de Manguinhos**. Editora FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Cecília et al. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: Tarsila: Projeto Editora, 1987.

XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo; PINI: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro – RIOARTE, 1991.